BENTES, Rita de Nazareth Souza; FREITAS, Dinair Barbosa; PINTO, Josane Daniela Freitas. O cotejamento entre as charges de João Bosco à luz de Bakhtin e do Círculo. Dossiê Ler os discursos sobre o evento pandêmico: discursividades culturais, políticas, sanitárias. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Vol. 1, N. 2, p. 172-186, 2023. (ISSN: 2317-1006 - online).

O COTEJAMENTO ENTRE AS CHARGES DE JOÃO BOSCO À LUZ DE BAKHTIN E DO CÍRCULO

A COLLATION BETWEEN JOÃO BOSCO'S CARTOONS IN THE LIGHT OF BAKHTIN AND THE CIRCLE

Rita de Nazareth Souza Bentes[1]
Dinair Barbosa de Freitas[2]
Josane Daniela Freitas Pinto[3]

"Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade" M. Bakhtin (2003).

Resumo: Este artigo analisa os discursos presentes nas charges de João Bosco (JB), "Desmatamento na Pandemia" (02/08/20), "Desmatamento aumenta" (09/08/20) e "Queimadas na Amazônia" (26/08/22), tendo como objeto as relações dialógicas entre o discurso de denúncia da destruição do meio ambiente em oposição ao discurso oficial presente nas ações governamentais que priorizavam o desmatamento no período da pandemia de Covid-19. Para análise, convocou-se os conceitos de: ambivalência (BAKHTIN, 2002); riso responsivo e libertário (BAKHTIN, 2002; 2017); discurso autoritário (BAKHTIN, 2015); violência da palavra e da imagem em ausência (BAKHTIN, 2020); e concepção semiótica-ideológica (BAKHTIN, 2003), sob a orientação metodológica do cotejamento (BAKHTIN, 2003). Este revela o diálogo construído entre os discursos atualizado pelo riso responsivo, pela ambivalência entre o tronco (floresta) e a cruz (humano) e pela voz em defesa do meio ambiente.
Palavras-chave: Cotejamento; charges de JB; desmatamento e Covid-19.

Abstract: This article analyses the discourses present in the cartoons of João Bosco (JB), "Deforestation in pandemic" (08/02/20), "Deforestation increases" (08/09/20) and "Burning in the Amazon" (08/26/22), having as object the dialogical relations between the denunciation of the environmental destruction in opposition to the official discourse present in the governamental actions that priorized deforestation in the period of the Covid-19 pandemic. For the analysis, the concepts of: ambivalence (BAKHTIN, 2002); responsive and libertarian laughter (BAKHTIN, 2002; 2017); authoritarian discourse (BAKHTIN, 2015); violence of the word and image in absence (BAKHTIN, 2020); and semiotic-ideological conception (BAKHTIN, 2003) were summoned under the methodological guidance of collation (BAKHTIN, 2003). The comparison reveals the dialogue built between the discourses updated by the responsive laughter, by the ambivalence between the trunk (forest) and the cross (human), and by the voice in defence of the environment.
Keywords: Collation; JB's cartoons; deforestation and Covid-19.

[1] Professora do Curso de Letras-Libras (DLLT - UEPA). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH- USP). E-mail: rita.bentes@uepa.br
[2] Professora do Curso de Letras (DLLT - UEPA). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH- USP). E-mail: dinair.freitas@uepa.br
[3] Professora do Curso de Letras -Língua Inglesa (DLLT - UEPA). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH- USP). E-mail: josane.daniela@uepa.br

Iniciando a reflexão

Nossa responsabilidade na vida reflete as relações estabelecidas com o mundo através dos olhos compartilhados com os de outrem, por isso, as vivências do mundo nos tornam dois em nós à luz de uma ética do ato responsável.

A reflexão neste texto corrobora com a ideia principal do Dossiê "Ler os discursos sobre o evento pandêmico: discursividades culturais, políticas, sanitárias" com base no pensamento de Bakhtin e do Círculo, cujo objetivo é compreender o discurso correlacionado das charges de João Bosco (JB) "Desmatamento na Pandemia" (02/08/20), "Desmatamento aumenta" (09/08/20) e "Queimadas na Amazônia" (26/08/22).

Essas charges foram selecionadas porque, mesmo produzidas em tempos diferentes, revelam uma continuidade discursiva com caráter de denúncia sobre o desmatamento. Tivemos um percurso cronotópico de 2020 a 2022 como critério de delimitação do *corpus*, que consolida um discurso homogêneo de destruição do meio ambiente a favor da expansão do agronegócio e do garimpo ilegal.

João Bosco é cartunista, chargista e crítico do discurso oficial do governo brasileiro quanto às questões de Meio Ambiente. O seu discurso revela seu posicionamento em defesa da Amazônia, denunciando as ausências de políticas públicas sanitárias de combate à Covid-19 e de preservação do meio ambiente, contestando a situação atual de caos em que se encontra nosso "pulmão do mundo".

Estas charges refratam um tempo no qual temos a crise pandêmica, com muitas mortes da população, e, ao mesmo tempo, um agravamento dos problemas socioeconômicos no Brasil. O contexto exigia políticas públicas sanitárias de combate à Pandemia, diante do cenário de crise.

As charges de João Bosco foram publicadas em agosto de 2020 e 2022 em resposta ao discurso adotado pelo Ministério do Meio Ambiente do atual governo, a exemplo do discurso do ex-ministro Ricardo Sales ao se referir à modificação, à aprovação e à simplificação das regras do Meio Ambiente face à Pandemia da Covid-19, a fim de manipular as normativas ambientais:

> Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas (RICARDO SALES, 2020).

Atualmente, esse discurso tem se mantido e concretizado por meio das trocas de ministro do Meio Ambiente. A postura de irresponsabilidade frente à preservação do Meio Ambiente vem externando a situação inalterada criada já em 2022. Para refletir sobre as relações dialógicas entre discursos, faremos o cotejo entre as charges de João Bosco e o discurso oficial, com base nos conceitos de ambivalência (BAKHTIN, 2002); riso responsivo e libertário (BAKHTIN, 2002; 2017); discurso autoritário (BAKHTIN, 2015); violência da palavra e da imagem em ausência (BAKHTIN, 2020); e concepção semiótica-ideológica (BAKHTIN, 2003), sob a orientação metodológica do cotejamento (BAKHTIN, 2003).

Um percurso teórico-metodológico à luz do pensamento de Bakhtin e do Círculo

Neste texto, problematizamos os conceitos de Bakhtin: a ambivalência e o riso na "A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais" (2002); o discurso autoritário na obra "Teoria do romance I: A estilística" (2015); o riso também na obra "Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas" (2017); a violência da palavra e da imagem em ausência na obra "O homem ao espelho -Apontamentos dos anos de 1940" (2020); e o cotejamento na "A Estética da Criação Verbal" (2003) para estabelecermos a relação dialógica entre as materialidades sígnicas em foco na comunicação discursiva.

As charges de João Bosco com temas sobre o Meio Ambiente no contexto pandêmico são analisadas com base na perspectiva de cotejamento (BAKHTIN, 2003). Essas materialidades são verbo-visuais, com tons político e humorístico por meio do exagero dos traços de pessoas, dos espaços e das cores em contraste.

Na concepção de ambivalência, discute-se a cultura popular em contraponto à canônica, o popular e o erudito, o velho e novo, o real e o imaginário. Utiliza-se o riso para confrontar o poder da época por meio de uma linguagem impregnada pela cultura popular da Idade Média e do Renascimento, orientada pelo realismo grotesco no qual:

> [...] o elemento material e corporal é um princípio profundamente *positivo*, que nem aparece sob uma forma egoísta, nem separado dos demais aspectos da vida. *O princípio material e corporal* é percebido como *universal e popular* e como tal opõe-se a toda *separação das raízes materiais e corporais do mundo*, a todo *isolamento e confinamento em si mesmo*, a todo caráter ideal abstrato, *a toda pretensão de significação destacada e independente da terra e do corpo* (BAKHTIN, 2002, p. 17, grifos do autor).

Em nossa materialidade, o corpo e a vida corporal adquirem simultaneamente um caráter cósmico e universal; não se trata do corpo e da fisiologia no sentido restrito e determinado, isto é, são articulados na sua unidade sem divisibilidade entre o homem e a natureza na vida e na arte, como declara Bakhtin "O traço marcante do realismo grotesco é o rebaixamento, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado espiritual, ideal e abstrato" (BAKHTIN, 2002, p.17).

As imagens que definem o grotesco se caracterizam por apresentar corpos em transformação, inacabados e imperfeitos, corpos "grotescos" e "hipertrofiados", funde-se o "princípio do baixo material e o corporal", o da terra e do corpo espiritual, ideal, entre o nascimento e a morte - a ambivalência. Reflete uma imagem do corpo rebaixado em suas funções vitais. A degradação e o rebaixamento carregam um valor negativo e um positivo:

> Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como princípio de absorção e, *ao mesmo tempo,* de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor (BAKHTIN, 2002, p. 19, grifos do autor).

Neste conceito, é fundamental a ambivalência da imagem porque o rebaixamento é imbricado com a regeneração, que traz o corpo transfigurado pelo riso, com base nas palavras de Bakhtin de que "A seriedade amontoa as situações de impasse, o riso se coloca sobre elas, liberta delas. O riso não coíbe o homem, liberta-o." (BAKHTIN, 2017, p. 25)

As charges nos possibilitam do ponto de vista de Bakhtin e do Círculo destacar o riso cravado em sua arte como materialidade, ao abordar o tema da preservação do meio ambiente e da vida. Nos traços, o ativista constrói uma arte como ato responsivo, por isso, não é um simples riso, mas é um riso comprometido e libertário.

O riso "que ridiculariza o sério" anula a violência da palavra, possibilitando o diálogo entre os sentidos. Para Bakhtin (2020), a violência aparece combinada com o

medo e o terror, enquanto que o conhecimento e a arte revelam seu caráter dialógico e plural, na perspectiva da linguagem sígnica-ideológica.

Assim, o riso comprometido na charge de JB se contrapõe ao discurso do governo. Este constrói um evento sustentado em dados mentirosos e manipulados, o que estamos denominando de violência da palavra, isto é, "A mentira nas formas da seriedade (unidas ao medo, à ameaça, à violência). Ainda não há as formas da força (autoridade, poder) sem o ingrediente necessário da mentira" (BAKHTIN, 2020, p. 49), constituindo-se em um discurso de autoridade ou poder, nas palavras do autor:

> O discurso autoritário exige de nossa parte um reconhecimento incondicional e nunca um domínio livre e uma assimilação com meu próprio discurso. Por isso ele não permite nenhum jogo com um contexto que o moldura, jogo com seus limites, nenhuma transição vacilante, variações estilizantes livremente criadoras. (BAKHTIN, 2015, p. 137-138)

Nesse sentido, a imposição do discurso oficial silencia e anula a palavra do outro. Este fenômeno é entendido como a 'imagem em ausência'. "É precisamente essa a mortificante imagem *em ausência*. A imagem é privada de dialogicidade e de inacabamento. A unidade *acabada* é sempre em ausência" (BAKHTIN, 2020, p. 47, grifos do autor).

A materialidade do texto não se encontra limitada unicamente à linguagem verbal, mas pode incluir diferentes dimensões, modos semióticos, combinando, por exemplo, imagens e palavras, em uma relação concreto-semântica e, principalmente, dialógica.

Bakhtin concebe o texto como um conjunto de signos. Para ele, todo signo possui um caráter ideológico que materializa a realidade por meio dos processos de reflexão e refração, como uma unidade de comunicação discursiva. Os signos verbais e não-verbais são "manifestações da criação ideológica [...] banham-se no discurso e não podem ser totalmente isoladas nem totalmente separadas dele" (BAKHTIN, 2010, p. 38). Qualquer estudo dos signos começa pela compreensão do texto na inter-relação dos sujeitos com o contexto sócio-histórico.

A imagem, a palavra etc. revelam a situação na qual os indivíduos envolvidos no processo comunicacional encontram-se inseridos. Dessa forma, uma análise fundamentada na teoria de Bakhtin e do Círculo deve considerar a concepção semiótica e ideológica do texto, ou melhor, "o texto como reflexo subjetivo do mundo objetivo, o

texto como expressão da consciência que reflete algo [...]" (BAKHTIN, 2016, p. 86). Esse pensamento destaca a reflexão e refração na relação dialógica entre sujeitos-texto/enunciado-mundo.

O gênero escolhido para este estudo é a charge que materializa a linguagem verbo-visual. Ela é uma crítica de um fato ou de um acontecimento específico, que envolve humor, ironia, ou melhor, é a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, a fim de compreender de forma ativa e responsiva, dialogando na 'cadeia verbal ininterrupta' em que ela foi produzida com a intenção de denunciar, criticar, divertir e/ou informar.

As charges de João Bosco foram selecionadas para este estudo diretamente de seu blog *Lápis de memória*, porque o artista representa a região, conhecida como "pulmão do mundo", na qual há o maior índice de desmatamento. O critério de delimitação foi o período cronotópico de 2020 a 2022, no auge da pandemia de Covid-19, que serviu como pano de fundo para a aprovação de ações governamentais que favoreceram a destruição do meio ambiente.

Análise das charges de João Bosco: da descrição às relações dialógicas em foco

Na análise, temos como objetivo compreender as relações dialógicas entre os discursos presentes nas três charges de JB como ato responsivo, descrevemos e cotejamos, mobilizando os conceitos de ambivalência (BAKHTIN, 2002); riso responsivo e libertário (BAKHTIN, 2002; 2017); discurso autoritário (BAKHTIN, 2015); violência da palavra e da imagem em ausência (BAKHTIN, 2020); e concepção semiótica-ideológica (BAKHTIN, 2003). Nesta, usamos a orientação metodológica do cotejamento entre as três charges. Para isso, definimos cotejamento:

> A interpretação como correlacionamento com outros textos e reapreciação em um novo contexto (no meu, no atual, no futuro). O contexto antecipável do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (saí do lugar). Etapas do movimento dialógico da interpretação: o ponto de partida - um dado texto, o movimento retrospectivo - contextos do passado, movimento prospectivo - antecipação (e início) do futuro contexto (BAKHTIN, 2003, p.401).

A seleção das charges enquanto materialidade sígnica permite visualizar o movimento do cotejamento (retrospecção e prospecção) proposto pelo autor. Ela é

significativa porque enriquece a discussão trazida pelo chargista belenense João Bosco, um ativista a favor das causas sociopolítico-ambientais na grande região amazônica, conforme está exposto no seu blog "Lápis de Memória".

Descrição das charges de JB

Descrevemos as charges "Desmatamento na Pandemia" (02/08/20), "Desmatamento aumenta" (09/08/20) e "Queimadas na Amazônia" (26/08/22), correlacionando o discurso do governo vigente e os demais discursos favoráveis à preservação do meio ambiente, a seguir:

Figura 1: "Desmatamento na Pandemia"



Fonte: http://jboscocartuns.blogspot.com/2020/08/. Acesso em setembro de 2022.

Nesta figura, há uma floresta que parte dela está em pé e a outra encontra-se devastada. No lado direito da imagem, temos as árvores com a copa normal em tom verde e outras no formato do vírus da Covid-19, sendo que a árvore em destaque se encontra transfigurada em vírus com um semblante de ataque, sinalizando a absorção do contexto da pandemia de Covid-19 e desmatamento do meio ambiente. No lado esquerdo, apenas troncos e uma figura humana que está em pé vestida com camisa verde e amarela (discurso oficial), segurando a motosserra da mesma cor como se fosse uma continuação do braço.

O chargista trabalha com algumas cores principais em destaque: o verde, o amarelo e o marrom mesclados. O verde aparece nas copas das árvores, representando a

vida da floresta ameaçada com a possibilidade de destruição. A motosserra como continuidade do braço humano representa o discurso oficial de um governo preocupado em atender as demandas do agronegócio, dos grandes latifundiários desinteressados pela preservação da fauna e da flora, focados no lucro imediato.

Na charge, os troncos na cor marrom representam a imposição do discurso oficial que manipulou as regras de preservação ambiental. As duas árvores cortadas, que se encontram no lado direito, espelham a invasão do governo que estimulou o aumento do desmatamento, já concretizado nos troncos cortados. Logo, ele usa as árvores com as copas no formato do vírus como denúncia ao discurso oficial que utilizou o cenário da pandemia da Covid-19 como pano de fundo para desviar as atenções da sociedade sobre a destruição.

Figura 2: "Desmatamento aumenta"



Fonte: http://jboscocartuns.blogspot.com/2020/08/. Acesso em setembro de 2022.

Nesta figura, observamos uma floresta destruída, onde no lugar das árvores, temos apenas troncos transformados em túmulos com cruzes na cor branca. No chão, há diferentes tons de verde, mas as cores em proeminência utilizadas pelo chargista se mantêm em correlação. A substituição de um espaço de floresta por túmulos representa as mortes desenfreadas tanto de seres humanos, por causa da pandemia, quanto da floresta.

No alto da imagem o enunciado "100 MIL MORTES..." em negrito, caixa alta, no plano de fundo amarelo simboliza a omissão do governo na pandemia e na

destruição do meio ambiente. O amarelo significa o alerta do crescimento tanto de morte de pessoas quanto de árvores, denunciando a inércia das autoridades brasileiras.

Isso é demonstrado também pelo autor no uso das reticências como marca linguístico-discursiva apontada no subtítulo da charge. O autor traz nesse projeto gráfico a infinitude, em questão, representada pela visão de futuro incerto através das colinas e nuances da cor verde, produzido nesse discurso verbal correlacionado com o discurso semiótico-ideológico.

Figura 3: "Queimadas na Amazônia"



Fonte: http://jboscocartuns.blogspot.com/2022/08/. Acesso em setembro de 2022.

Já esta charge se configura em três planos bem definidos: o primeiro tem um tronco bem grande de árvore em formato do mapa do Brasil e uma única cor amarela que representa o discurso oficial do governo; o segundo plano traz a figura do homem representando o dono da terra, o latifundiário, que realiza desmatamento ilegal; e, o terceiro mostra o resultado da devastação completa com a derrubada e queimada da floresta amazônica.

O tronco em formato do Brasil ocupa grande parte da cena da figura, revelando pela cor amarela uniforme, a apropriação pelo governo do meio ambiente. Além disso, no centro, temos o homem de terno branco e charuto, lançando fumaça, em um formato curvilíneo, a qual se propaga mostrando a extinção da vida e da floresta.

No lado esquerdo, há pequenos troncos que podem ainda brotar, entretanto, do lado direito vemos árvores em formato de carvão pós-queimadas, somente a sombra de uma floresta que existiu.

A fumaça tomou o lugar das nuvens devido às queimadas constantes no cenário da Amazônia, mostrada e reafirmada no terceiro plano nesta última. Essa situação de desmatamento atingiu o auge como foi denunciado aqui. O processo de destruição foi gradualmente tecido entre as charges estabelecido pela relação dialógica.

Cotejamento das charges de JB

Cotejamos as charges "Desmatamento na Pandemia" (02/08/20), "Desmatamento aumenta" (09/08/20) e "Queimadas na Amazônia" (26/08/22) correlacionando as diversas linguagens presentes nesses discursos com base no movimento dialógico retrospectivo (contextos do passado) e prospectivo (antecipação do futuro contexto) (BAKHTIN, 2003), a seguir:

As charges trazem consigo várias vozes para o embate dialógico. Por um lado, a voz do governo está evidenciada pelas cores amarela e verde, a voz dos latifundiários que comanda os desmatamentos representada pelo objeto motosserra. Por outro lado, estão as vozes correlacionadas por JB, a dos cientistas na busca de uma vacina para combater a Covid-19 e controlar a pandemia e a dos ambientalistas defensores de um meio ambiente sustentável.

O discurso autoritário conceituado por Bakhtin (2015) se encontra representado no discurso oficial presente nas charges por meio da gradação dos tons verde e amarelo. Na figura 1, os dois discursos se apresentam em confronto e ainda podemos visualizar o discurso de destruição e o de resistência ao mesmo tempo. Na figura 2, não há elementos com vida, apenas a predominância do discurso oficial de promoção do desmatamento, com a mudança gradativa de tons verdes até chegar no amarelo da bandeira do Brasil, que se tornou símbolo do discurso do governo atual. Na última figura, observamos a floresta completamente destruída e o latifundiário, vestido na cor branca, que materializa o domínio completo do discurso autoritário e o apagamento do discurso de resistência na tentativa de proteger a floresta.

Quando o chargista confronta essas vozes, identificamos a presença do rebaixamento refletido em morte e vida nas charges (BAKHTIN, 2002). O discurso autoritário (BAKHTIN, 2015) se impõe de forma completa, silenciando com violência o

propósito de proteger o meio ambiente, como confirmado no discurso oficial do ex-ministro Ricardo Salles:

> Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação, é de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos (RICARDO SALLES, Maio, 2020).

O ministro desse período foi substituído por Joaquim Álvaro Pereira Leite, mas essa mudança não trouxe ruptura para o acontecimento, porque a destruição se eleva tanto nos percentuais de desmatamento veiculados na mídia quanto nas charges analisadas. As queimadas denunciadas por João Bosco aumentaram consideravelmente, como é evidenciado principalmente na figura 3, visto que as providências de controle da Covid-19 se sobrepuseram à redução destas. A busca por esse objetivo serviu mais uma vez para desviar o foco de postura concreta deste governo frente ao desflorestamento no cenário político-brasileiro.

As charges produzidas, em tempos diferentes, revelam uma continuidade no evento. Tivemos um percurso cronotópico de 2020 a 2022, mesmo com a substituição de ministros a situação se manteve. Foram sujeitos unidos por um mesmo discurso que incentivava a destruição do meio ambiente, a expansão do agronegócio e do garimpo ilegal.

Este discurso consolidou o desmatamento da Amazônia, se configurando na violência da palavra e na imagem em ausência. Os ministros procuraram convencer a população que estavam atentos à situação do desmatamento, trocando os comandos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO). Entretanto, houve a diminuição de verbas e o desmonte dos órgãos de controle ambiental, ou seja, construíram uma realidade falsa de que não havia desmatamento[4].

As charges desvelam essa situação sobre o meio ambiente, tensionando contra o discurso de que não há desmatamento. Logo, há duas realidades concretas em conflito:

[4] https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/08/20/especialistas-apontam-desmonte-na-protecao-do-meio-ambiente

uma construída e mantida pelo discurso do governo, suficiente para controlar o levante social e outra do desmatamento revelada pelas charges, vozes dissonantes àquela.

Neste embate, o ativista constrói e mantém sua postura dissonante, mesclando as cores, o verde, o amarelo, o marrom e o branco, e as posições de contrastes refletidas nos seus desenhos, tanto de figura humana quanto de figura de natureza, reveladas na ambivalência presença-ausência nas três charges, pois temos em comum o cenário de destruição.

Observamos a ambivalência (BAKHTIN, 2002) representada nas três charges pela degradação, destruição e morte tronco-árvore. Na primeira charge, ainda há uma parte da floresta viva, sinalizando o conflito homem-natureza, morte-vida do meio ambiente. Na seguinte, percebemos a relação entre a morte da floresta e a morte dos indivíduos contaminados pela Covid-19. Os seres amalgamados, sem fronteiras, são reificados na figura dos túmulos indicados pelo tronco (floresta) e a cruz (humano). Na última, o homem está posicionado no centro em contraste com o tronco-mapa, transfigurado, ambivalente, em vida-morte. Ele aparece de terno branco e charuto lançando fumaça, munido de uma arma e projéteis espalhados, além do chapéu, símbolo do latifundiário no controle do Brasil.

A violência da palavra e a imagem em ausência (BAKHTIN, 2020) se faz presente nas charges analisadas por meio do discurso oficial que destitui o outro, anulando as relações dialógicas. Na primeira, a tensão se encontra marcada na relação homem *versus* natureza. Na segunda, ocorre o silenciamento notado nos túmulos homem-natureza. Na terceira, predomina a imagem em ausência (BAKHTIN, 2020), porque o discurso se torna monológico, devido o predomínio da voz autoritária, representada pelo homem de terno branco.

O riso responsivo e libertário (BAKHTIN, 2002; 2017) refrata no posicionamento do leitor das charges de JB. Na figura 1, ocorre a fusão do vírus-árvore com a natureza humana como elemento caricaturado que provoca o riso. Na figura 2, acontece a absorção homem-árvore, representada pelo túmulo e cruz brancos. Na figura 3, há assimilação tronco-nação, que se encontra em estado de alerta pelo alto índice de desmatamento.

A concepção semiótico-ideológica (BAKHTIN, 2016) se materializa no estilo autoral de JB marcado nas três charges pela tensão dialógica da vida-morte-ressureição

(porvir). Na figura 1, é possível observar a concepção semiótico-ideológica na relação de conflito entre homem *versus* natureza. Na figura 2, se apresenta na fusão do túmulo homem-árvore. Na terceira, aparece na destruição completa da floresta e no imbricamento tronco-nação, enfatizando o estado de alerta, como voz de denúncia e de engajamento na luta pela preservação do meio ambiente.

Considerações finais

O diálogo de tensão entre a denúncia presente nas charges e o discurso oficial exposto nas ações governamentais pôde ser percebido na correlação construída com a linguagem verbal e visual e o jogo de contraste entre palavras, desenhos e cores nas três figuras "Desmatamento na Pandemia", "Desmatamento aumenta" e "Queimadas na Amazônia". Essa relação, tema do nosso estudo, desvela o discurso do governo mostrando sua omissão no enfrentamento tanto da Covid-19 quanto da destruição da floresta.

A correlação entre a destruição da floresta e dos mortos pela COVID-19 se consolidou nas charges assinadas por JB selecionadas para análise, sob a orientação teórico-metodológica do movimento de cotejamento (retrospecção e prospecção) (BAKHTIN, 2003) entre as três charges.

O tom dessas charges de JB é eminentemente político-artístico, destacando o humor comprometido, devido às condições conjunturais na qual a sociedade brasileira vive. O riso aqui corrobora o discurso de denúncia e indignação à inércia do governo com relação às ações de política pública sanitárias e ambientais.

A ambivalência (BAKHTIN, 2002) se faz presente no riso comprometido e libertário em oposição ao discurso oficial dominante e mortificante, isto é, nas poucas árvores de pé em oposição à destruição da floresta e na transfiguração do homem da motosserra que se transforma em um latifundiário. Observamos a violência da palavra e a imagem em ausência (BAKHTIN, 2020) presentes nas três imagens, quando JB denuncia este discurso que mantém e controla a destruição do meio ambiente, instituindo uma voz única e autoritária.

O silenciamento dos defensores da floresta se materializou nas três imagens por meio da correlação das linguagens verbal e visual. Contrapondo-se a isso, JB revelou

uma outra voz, diante deste governo que não protege o meio ambiente, fundamentada em uma concepção artística, assinada e revelada nos signos mobilizados (as palavras, as posições, as cores nos traços de contraste), vinculando arte e vida e deixando posicionamentos prospectivos de mudança na relação homem - texto/enunciado - meio ambiente.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I:** a estilística. Org. e Trad., Posfácio e Notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas**. Org. e Trad., Posfácio e Notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamento dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BOSCO, João. **Lápis de memória**: Desmatamento aumenta. Disponível em: http://jboscocartuns.blogspot.com/2020/08/desmatamento-aumenta.html. Acesso em Acesso em 09 set. 2022.
BOSCO, João. **Lápis de memória**: Desmatamento na pandemia. Disponível em: http://jboscocartuns.blogspot.com/2020/08/desmatamento-na-pandemia.html. Acesso em 09 set. 2022.
BOSCO, João. **Lápis de memória**: Queimada na Amazônia. Disponível em: http://jboscocartuns.blogspot.com/2022/08/queimadas-na-amazonia.html. Acesso em 09 set. 2022.
Especialistas apontam desmonte na proteção do meio ambiente. **Senado Notícias**. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/08/20/especialistas-apontam-desmonte-na-protecao-do-meio-ambiente. Acesso em: 12 set. 2022.

Ministro do meio ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto a atenção da mídia está voltada para a COVID-19. **G1**. Política. Disponível: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml. Acesso em: 22 maio 2020.

PONZIO, Augusto. **Apresentação**. In: BAKHTIN, Mikhail. O homem ao espelho: apontamento dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

Recebido em 14 de setembro de 2022.
Aceito em 16 de novembro de 2022.